

A MORTE DOS DEUSES NO SALMO 82

O DISCURSO RELIGIOSO COMO CAMINHO DE

OPRESSÃO OU LIBERTAÇÃO

Ricardo Lengruber Lobosco*
Silvio Cezar José Pereira Gomes**

Resumo

Este artigo visa a investigação do Salmo 82: a frequência das palavras “elohim” e a quem essas repetições se referem? O que é a assembleia divina? Quem são os deuses? As motivações desse Salmo, e o que ele representa como virada na concepção religiosa sobre Javé, também farão parte de nossa análise. Tendo como preocupação as formas antagônicas com que a religião pode se apresentar (libertação ou opressão), este trabalho visa apresentar, também, uma denúncia, tal qual a do Salmo. Onde a face exploradora da religião precisa, como os deuses do Salmo 82, ser aniquilada.

Palavras-chave: Salmos. Deuses. Opressão. Libertação.

Abstract

This article aims at the investigation of Psalm 82: the frequency of the words “elohim” and to whom do these repetitions refer? What is the divine assembly? Who are the gods? The motivations of this Psalm, and what it represents as a turning point in the religious conception about Yahweh, will also be part of our analysis. Taking into account the antagonistic forms with which religion can present itself (liberation or oppression), this work aims to present, as well, a denunciation, just like that of the Psalm. Where the exploiting face of religion needs, like the gods of Psalm 82, to be annihilated.

Keywords: Psalms. Gods. Oppression. Liberation.

* Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Bennett (1995), e com Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia (1998). Especializado em Teologia e Ministério pelo McCormick Theological Seminary (1998) e em Administração Escolar pela UCAM (2011). Mestre (2002) e doutor (2007) em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

** Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Bennett (2009) e romancista.

1. Introdução

O povo da Bíblia conviveu durante muito tempo com o politeísmo entre seus vizinhos e mesmo no limite de sua terra. Além da presença desses deuses, houve também diversos impérios que conseguiram, de alguma maneira, influenciar o culto e a cultura judaicos. Uma dessas fortes influências está no culto a Javé. Diferente do que a Bíblia aparenta, Javé trata-se de um Deus estrangeiro que conseguiu chegar até a religião bíblica e se firmar como o único Deus existente. Nisso, substituindo o próprio EL, o Deus de Israel.

Essa substituição é tratada, muitas vezes, não como troca, mas como absorção dos elementos divinos de EL. Neste trabalho, investigaremos o texto do Salmo 82, onde se percebe essa absorção e o motivo que levou a tal ação mitológica. Quais foram as razões que levaram Javé a se levantar contra os deuses da terra e como se firmou como o único Deus capaz de proporcionar a libertação do povo. Investigaremos como o discurso religioso, no passado, se comporta bem próximo do presente: usando expressões de libertação, promovem a opressão, a exploração. Daí surge Javé. O Deus que não dialoga e não tolera injustiça, mesmo que realizada pelos deuses.

2. A religião e a Terra de Canaã

A Palestina, ou Terra dos cananeus, em grego chamados de fenícios, é basicamente o local onde se desenrolam as histórias principais do povo da Bíblia. Bem como o seu relacionamento com sua cultura, sua religião e, por conseguinte, com seu Deus. Mais aberta em direção à Síria, é uma terra delimitada pelos desertos e pelo Mar Mediterrâneo. Conhecemos, pela geografia, o Vale do Jordão, as montanhas galileias, samaritanas e de Judá. Sua localização pode ser definida entre Mesopotâmia e Egito. E essas duas civilizações terão grande importância na cultura e na religião de Javé. A religião israelita/judaica, durante séculos, recebeu influência de vizinhos e impérios que dominaram a região. João Evangelista Terra sinaliza bem esse intercâmbio cultural e religioso:

A cultura fenícia não era original, mas os fenícios eram exímios na capacidade de adaptar culturas estrangeiras. Situado num ponto de convergência de culturas, tornaram-se o povo mais cosmopolita do antigo mundo semita. Os cananeus do território israelita foram conquistados ou sobreviveram como cidades isoladas, estabelecendo tratados com os invasores. Em ambos os casos, Israel acabou absorvendo-os com o correr dos tempos (TERRA, 2015, p. 64).

Essa capacidade de adaptação é um ponto importante para o que trabalharemos. Pois a religião de Israel como conhecemos é fruto dessas influências. Mesmo a presença de Javé, o único Deus existente e o Deus de Israel, ocorre por conta dessa capacidade de adaptação.

Não se pode, contudo, considerar que essa absorção seja feita de forma acrítica e ameaçadora à cultura e religião israelitas. Como bem disse Ernest Wurthwein, enquanto cita Johannes Hempel:

Faz parte da essência da fé veterotestamentária o fato de ela ter um caráter “polêmico e usurpador, de não repousar em si mesma, mas viver em constante confrontação, apossar-se de ideias, noções e conceitos assimiláveis de outras religiões e incorporá-los ao mesmo tempo em que os transforma”, mas também o fato de rejeitar incisivamente o que a ameaça (WURTHWEIN, 1970, p. 198 – tradução nossa).

Portanto, é importante conhecer como a religião de Israel deriva e ao mesmo tempo, de certa forma, se torna diferente da religião cananeia.

2.1. *EL e seus filhos*

EL, ou ILU, é o grande deus. Pai de todos os deuses e pai dos homens. Deus da fecundidade. Seus filhos, que vivem em constante competição – atenção maior para Yam, Baal e Mot – e suas filhas formam a grande família divina de Canaã. Essa grande família de deuses está bem ligada à questão cultural, principalmente de Ugarit. O panteão pode ser visto como uma “grande multifamília” (SMITH, 2006). E se entende, por meio dela, tanto a situação das famílias dos homens, na cultura cananeia, quanto a relação dos próprios deuses.

Mark Smith divide essa família de deuses, no período pré-monárquico, em três níveis. No primeiro nível estaria EL e Asherah, sua esposa; no segundo estariam Arthart e Athtar (a noite e a estrela da manhã), Shapsu (o Sol) e Yarih (Lua), Shahar (Aurora) e Shalim (crepúsculo), Resheph¹ (Marte?), Baal (deus da tempestade e guerreiro); no terceiro nível estaria Kothar (deus artesão), Yahweh, o deus estrangeiro de Edom/Midiã/Parã/Seir/Sinai; e no quarto estariam os trabalhadores de EL, os anjos mensageiros, porteiros e servos.

Encontramos também Yam e Mot. Yam e Baal travam uma luta para saber quem lideraria os deuses no lugar de EL. Essa luta entre o mar e a tempestade – pois Baal faz a chuva vir da tempestade – ainda encontra lugar para a tensão entre Baal e Mot. Pois embora Baal traga a chuva que deixa a terra fecunda, é Mot que, embora deus da morte, é, também, o deus do grão. Nos ciclos das estações, no calor forte, Mot vence Baal e o mata. Baal retorna à vida no outono.

Como se pôde notar, Javé, ou YHWH, não se encontra na lista de filhos de EL e, ao mesmo tempo, não figura como um Deus comum entre as cidades-estado da cananeia.

1. João Evangelista Martins Terra associa Resheph à doença e à morte, apresentando-o como um deus muito temido (TERRA, 2015).

2.2. *A origem de Javé*

Em sua “Breve história de Israel”, Milton Schwantes demonstra que o Israel bíblico foi formado a partir da união de diversas tribos diferentes que viam na fuga para as montanhas, realizada por camponeses cananeus fugidos da opressão, uma forma de vida atraente e diferente da vivida nas cidades-estado de Canaã: o tribalismo².

Os grupos listados por Schwantes são: transmigrantes da Mesopotâmia, pastores seminômades da Palestina, pastores de Cades, pastores do Sinai e fugitivos do Egito – chamado “grupo do Êxodo”. Javé é o Deus dos pastores do Sinai, segundo Schwantes:

O Deus do Sinai é Javé, porque assim o sabemos por uma inscrição egípcia e podemos ler em Jz 5. Este Javé, nesse momento histórico, nos aparece como Deus de um lugar, uma montanha. Representa uma religião teofânica. Sua característica é não admitir outros deuses. Ele, Javé, é o único. Por aí passa o seu mandamento (SCHWANTES, 2008, p. 14).

Mark Smith chega à mesma conclusão em *O memorial de Deus*. Ele diz que o texto pinçado por Milton Schwantes demonstra que Javé é um Deus de Edom. O “período pré-monárquico parece ser a época em que Yahweh como um deus edomita (...) veio a ser implantado na sociedade montanhosa de Israel” (SMITH, 2006).

Thomas Römer aprofunda mais a questão e demonstra que a ligação de Javé com Edom pode ser encontrada em textos bíblicos bem contundentes, incluindo a insistência de Gênesis e Dt 2 na irmandade entre Edom e Israel:

Já rodeastes bastante esta montanha. Dirigi-vos para o norte! Ordena ao povo: Vós estais passando pelas fronteiras dos vossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitam em Seir. Eles vos temem, de modo que deveis ter muito cuidado: não os ataqueis, pois nada vos darei da terra deles, nem sequer um pé do seu território: foi a Esaú que eu dei a montanha de Seir como propriedade (Dt 2,2-5).

Javé, portanto, não é um Deus de Israel, originalmente, mas de Edom. Aliás, como bem apontam os pesquisadores, o próprio nome Isra-el demonstra que EL é o Deus original desse povo (SCHMIDT, 2004; SMITH, 2006).

É por isso que na lista do panteão familiar de Canaã, da época pré-monarquia, não encontramos nenhuma referência a Javé. Originalmente como um Deus

2. Milton Schwantes define o tribalismo como uma sociedade centralizada. A família é quem cuida e controla a terra: sem tributos, sem exército, sem rei, sem sacerdote. “As tribos não têm vida própria, mas são derivadas da necessidade do clã, da família” (SCHWANTES, 2008).

de Edom, Javé foi importado para Israel e mais tarde, como veremos, identificado ou transformado no próprio EL.

2.3. *Javé e EL*

É bastante difícil separar EL de Javé, no Antigo Testamento. O próprio Schmidt admite que, por vezes, o nome de EL é invocado em uma referência direta a Javé. Contudo, é possível, mesmo na Bíblia Hebraica, conseguir encontrar traços, ou memórias, que demonstram momentos da história da fé antiga onde Javé e EL eram deuses separados.

2.3.1. EL, o que guia seu povo para as montanhas

Milton Schwantes descreve o EL dos pastores palestinos como um Deus que atua em favor da família e dos escravos e crianças, que formariam a parcela mais frágil da sociedade. O vê com uma ligação forte com o pai da família e como um nômade que peregrina junto com o grupo.

Estas definições não foram suficientes para se evitar que a própria religião de EL fosse utilizada como ferramenta de opressão pelo Estado. A própria migração das tribos cananeias para as montanhas nasce como opção de fuga dessa opressão. Como as cidades-estado tinham se fechado e deixado o camponês desprotegido, a fuga para as montanhas, por volta do ano 1200 antes de nossa era, se tornou possível e necessária. É Schwantes quem nos informa sobre como a religião de EL serviu como arma e ferramenta que forçou o povo a esse êxodo para as montanhas:

A cidade submetia os camponeses explorando seu produto. Os camponeses tinham o controle de seu trabalho e das terras. A elite não era latifundiária. Explorava por ter o controle das armas e a lógica da religião de EL e Baal a seu favor. O tributo era pago porque as armas assim o exigiam e porque a religião assim o explicava, em especial nas grandes festas da colheita. A exploração era, portanto, tributária (SCHWANTES, 2008, p 12).

O discurso religioso, apesar de ensinar um EL próximo, consegue ao mesmo tempo transformar EL e seu filho Baal em armas de opressão. Conseguem justificar a condição superior do rei, do exército e a servidão do camponês. O êxodo para as montanhas encontrou outros “êxodos”, como os dos escravos egípcios. Essa fuga da opressão religiosa e bélica dos reis de Canaã facilmente pode ser vista como uma libertação do bondoso EL. Contudo, nota-se que não houve uma guerra ou batalha para essa libertação. EL não está associado à guerra.

2.3.2. Javé e o êxodo do Egito

Javé acaba sendo considerado como o Deus do êxodo egípcio. O que é bastante significativo para sua identidade como um Deus guerreiro. Essa associação parece apresentar mais um endereço para o Deus Javé. Contudo, a proposta de Thomas Römer (2016, p. 73) parece fazer sentido: “Moisés foi, talvez, o chefe de um grupo de ‘apiru que, saído do Egito, encontrou Yhwh em Madiã e o deu a conhecer a outras tribos do Sul”.

Ele “aparece, primeiro, como um deus da guerra que intervém em favor dos seus” (RÖMER, 2016). Os textos de Juízes 5 e Salmo 68 guardam a memória antiga desse Deus que está associado à guerra e à tempestade. Römer justifica isso com o fato de seus veneradores habitarem em regiões áridas e em constantes conflitos militares com grupos diversos e inclui, nesses grupos, o próprio Egito.

Como se deu a associação de um Deus que libertou seu povo por meio da proteção durante a fuga, do Deus que liberta seu povo por meio da guerra, é de difícil análise. Sabe-se que Javé em momento algum se coloca como inferior a EL e tampouco recebe a designação expressa de seu filho – talvez o receba de forma subjetiva, como veremos. Sendo, pois, um Deus estrangeiro, na verdade, acaba ocupando o lugar do Deus pai, ou se tornando o próprio. Asherah, esposa de EL, em outros momentos aparece como esposa do próprio Javé.

3. Salmo 82: Javé na Assembleia de EL

O concílio, ou assembleia de EL, é atestado em diversos textos bíblicos e extra-bíblicos. Como bem diz Penchansky, a relação dos autores das Escrituras com a assembleia de EL é bastante “ambígua” (PENCHANSKY, 2005). O concílio é normalmente apresentado com EL e seus filhos reunidos. Ocorre, porém, que o monoteísmo judaico e a identificação de EL com Javé transformaram os filhos de EL em seres divinos – intermediários entre Javé e os homens – ou mensageiros. Há textos que atestam essas duas realidades. Esse rebaixamento dos deuses a seres inferiores a deuses, porém superiores a homens, foi muito bem explorada por Römer, em sua obra sobre a origem de Javé, e Russel, em seu livro sobre o apocalipsismo. Pode-se perceber essa situação nos seguintes textos bíblicos:

Bendizei a Iahweh, anjos seus, executores poderosos da sua palavra, obedientes ao som da sua palavra. Bendizei a Iahweh, seus exércitos todos, ministros que cumpris a sua vontade (Sl 103,21-22).

No dia em que os Filhos de Deus vieram se apresentar a Iahweh, entre eles veio também satanás (Jó 1,6).

O céu celebra a tua maravilha, Iahweh, por tua verdade, na assembleia dos santos. E quem, sobre as nuvens, é como Iahweh? Dentre os filhos dos deuses, quem é como Iahweh? Deus é terrível no conselho dos santos, grande e terrível com todos os que o cercam. Iahweh, Deus dos exércitos,

quem é como tu? És poderoso, Iahweh, e tua verdade te envolve! És tu que dominas o orgulho do mar, quando suas ondas se elevam, tu as amansas (Sl 89,6-10).

O Salmo 89 é bastante significativo, pois nos apresenta um salmista, ou poeta, que já fala da superioridade de Javé sobre todos os “filhos dos deuses”. O caráter de um Deus guerreiro é acentuado com o título “Deus dos exércitos”. Há também certo desprezo por Yam, o deus do Mar. Ele é transformado em *ha yam* (o mar). A presença do artigo definido retira da palavra “Yam” a classificação de nome próprio, tornando-o, simplesmente, o mar.

No mito cananeu, Yam e Baal travam uma batalha. Yam substitui EL como Deus dos deuses – EL o escolheu – mas se torna um tirano. Baal luta contra a opressão de Yam e o vence. Perdendo, logo depois, para Mot. No Salmo 89, Javé assume essa briga com o mar e com o monstro Raabe. O salmo procura demonstrar a superioridade de Javé em relação aos deuses do concílio de EL:

Ambas as vezes as perguntas pretendem apontar para a incomparabilidade daquele que domina sobre os deuses santos ou “filhos dos deuses”. Dados do mundo circundante confirmam que Israel encontrou esta linguagem em seu entorno. Inscrições semíticas-ocidentais (...) falam de “deuses santos”; e um texto de magia (de Arslan Tash) chama as divindades de “todos os santos”. O AT, no entanto, parece haver degradado novamente os seres celestiais a espíritos a serviço de Deus (SCHMIDT, 2004, p. 239).

O texto que analisaremos, alvo de nosso assunto, também fala desse mesmo concílio/assembleia de EL. E, como o Salmo 89, demonstra a superioridade de Javé. Porém, a polêmica com os outros deuses – e, portanto, com as demais religiões ao redor dos devotos de Javé – é elevada a um patamar muito maior por meio de uma narrativa mitológica bastante significativa.

Nele temos a assembleia de EL reunida. Nessa assembleia se encontram seus filhos e a presença do Deus estrangeiro, Javé. Abaixo colocaremos a tradução segundo a Bíblia de Jerusalém; após algumas considerações, colocaremos uma versão mais didática para tentar aproximar a leitura do sentido que era lido, originalmente:

- 1 Deus se levanta no conselho divino, em meio aos deuses ele julga:*
- 2 “Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios?*
- 3 Protegei o fraco e o órfão, fazei justiça ao pobre e ao necessitado,*
- 4 libertai o fraco e o indigente, livrai-os da mão dos ímpios!*
- 5 Eles não sabem, não entendem, vagueiam em trevas: todos os fundamentos da terra se abalam.*
- 6 Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo;*

7 Contudo, morrereis como um homem qualquer, caireis como qualquer dos príncipes”.

8 Levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois as nações todas pertencem a ti!

3.1. Estrutura e datação

O salmo é dividido em três partes. A primeira revela o que está acontecendo “no mundo dos deuses”. Há uma reunião divina e o personagem chamado de “Deus”, pela Bíblia de Jerusalém, está dirigindo a assembleia, ou conselho divino. O segundo bloco, iniciado no versículo 5, possui uma sentença contra os deuses, filhos do Altíssimo. E a última parte, o versículo 8, a cena volta para a terra. E vemos o salmista clamando, em tom profético, para que Deus se erga para restabelecer a ordem. Há uma confissão que demonstra que, para o salmista, Deus não é Senhor de Israel, apenas. É o Senhor de todo o mundo, pois todas as nações pertencem a ele.

Devemos, agora, observar algumas informações que o texto nos dá. Precisamos compreender do que trata esse salmo e, com alguma segurança, conseguir encontrar um sentido para nós, hoje.

Datar os salmos não é algo muito simples; contudo, aceitamos a posição de Mitchel Dahood. Ele discorda de alguns acadêmicos, por conta do que ele chama de “qualidade arcaica do linguajar” – tradução nossa (DAHOOD, 1968); não localiza esse texto por volta do sexto século antes de nossa era. Para ele a datação do Salmo 82 deve ser localizada no período pré-monárquico.

3.2. Quem é Deus (Elohim)?

A palavra *elohim* aparece três vezes no texto. A primeira apresentando o Deus que “se levanta” no meio da assembleia de EL. A segunda, na declaração e reconhecimento da divindade dos outros membros da assembleia (“sois deuses”). E a última na oração do final do salmista, onde suplica que o seu Deus se erga para julgar a terra.

A palavra *elohim* facilmente pode ser traduzida como “deuses”, contudo, como bem diz Martins Terra, seria um erro supor que tal expressão guarda a memória de um Israel politeísta. Há diversos sinais que demonstram um politeísmo em Israel. Esta palavra não é garantia disso. Estamos diante de um salmo eloísta (RÖMER, 2016). Os salmistas eloístas, bem como o Qohelet e Crônicas, costumam trocar o nome de Javé por Elohim (RÖMER, 2016; TERRA, 2015):

Desse modo, Elohim se converte em sinônimo de Jahvé, o deus verdadeiro. Talvez o emprego de Elohim como substituto do nome de Deus suponha uma abstração: o Jahvé pessoal e concreto, concebido de forma antropomórfica, é identificado com a divindade sem mais, o que faz pen-

sar numa concepção mais abstrata da divindade. Mas esta concepção se situa na linha monoteísta: só quando não há nem pode haver mais que um deus tem pleno sentido designar ao próprio Deus sem apelativo algum (TERRA, 2015, p. 192).

Portanto, diante da primeira e da última aparição da palavra Elohim, devemos entender tal expressão como que direcionada para Javé. Assim também entendem Smith, Römer e PENCHANSKY. A segunda, porém, devemos, sim, traduzir como deuses. E a última, compreender como uma oração dirigida ao único Deus sobrevivente à guerra declarada: Javé.

3.3. O conselho divino

A expressão é *'edah-el*. O nome de EL pode ser encontrado. Trata-se do Conselho de EL. Aquela mesma assembleia, ou concílio, onde satanás aparece, no livro de Jó, ou como falado nos outros textos apresentados. Trata-se, portanto, da reunião de EL com seus filhos.

A assembleia de EL é bastante atestada em diversos textos, inclusive dentro da própria Bíblia, como vimos. Tal presença nos ajuda a observar a riqueza e, ao mesmo tempo, novidade proposta nesse salmo para a comunidade pré-monárquica de Israel.

Esse concílio, ou assembleia, é uma expressão da própria família dos deuses. Os níveis falados anteriormente, na apresentação da família de EL, são replicados na própria assembleia. EL, como se espera, é o líder do concílio e promulga decretos que devem ser seguidos pelos demais deuses. Ele é o chefe, pai da família, pai da humanidade e governador do panteão cananeu.

3.4. Quem é o Altíssimo (Elyon)?

O outro termo que precisamos estudar é o *Elyon* – traduzido como Altíssimo. Sobre *Elyon*, não é incomum essa palavra aparecer depois do nome *EL*. Ficando como *EL Elyon*, normalmente traduzido como “Deus Altíssimo” (Gn 14,20). Mas também pode aparecer como um título direcionado a Baal e a Javé (Sl 97,7). Tanto Werner Schmidt quanto Thomas Römer possuem a mesma opinião sobre *Elyon*. Entendem como um epíteto de EL que se tornou independente “de forma hipostática” (SCHMIDT, 2004):

El e Elyon de bom grado formam uma comunhão. Também no AT ambos nomes aparecem juntos várias vezes, revezando-se no paralelismo e sendo, assim, equiparados (Nm 24,16; Sl 73,11; 77,10s.; 82,1.6; Is 14,13 e outras). Á suposição de que o deus da cidade de Jerusalém, cuja tradição sobrevive nos salmos de Sião (...), somente se chamasse “Elyon” se contrapõe, entre

outros, também o fato de Davi ter dado aos filhos nascidos em Jerusalém nomes compostos com “El” (2Sm 5,14ss.); não são atestados nomes próprios formados com “Elyon” (SCHMIDT, 2004, p. 224).

Embora *Elyon* possa ser encontrado como que designando um título a Javé, conseguimos, pelo próprio texto, notar que *Elyon* está apresentado como um Deus diferente de Javé. Pois ele mesmo fala de *Elyon* em terceira pessoa (“sois todos filhos do Altíssimo”). Dessa forma, o correto é considerar que, no salmo, tratam-se de deuses diferentes e, *Elyon*, uma referência ao Deus EL. Lembrando que o próprio concílio, no texto, é chamado de “concílio”, ou “assembleia de EL”.

3.5. Uma proposta de versão do Salmo 82

Uma tradução/versão, portanto, que pudesse permitir compreender melhor a cena desenhada pelo salmista, poderia ser apresentada da seguinte forma:

1 Javé se levanta na assembleia/concílio de EL, em meio aos deuses ele julga:

2 “Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios?

3 Protegei o fraco e o órfão, fazei justiça ao pobre e ao necessitado,

4 libertai o fraco e o indigente, livrai-os da mão dos ímpios!

5 Eles não sabem, não entendem, vagueiam em trevas: todos os fundamentos da terra se abalam.

6 Eu declarei: “Vós sois deuses, todos vós sois filhos do El Elyon;

7 contudo, morrereis como um homem qualquer, caireis como qualquer dos príncipes”.

8 Levanta-te, ó Javé, julga a terra, pois as nações todas pertencem a ti!

O que temos, então, depois do entendimento dessa versão, é um momento em que Javé, um deus estrangeiro, se encontra na assembleia de EL. Ele se ergue nessa assembleia e anuncia a guerra contra os outros deuses, por serem justificadores da opressão.

Smith, como vimos, coloca Javé como um membro desse concílio. Tanto para ele quanto para Römer, Javé parece ser apresentado como um filho de EL. Schmidt diz (2004, p. 160): O Salmo 82 preserva uma tradição que lança o deus de Israel não em um papel do deus que preside o panteão, mas implicitamente como um dos filhos.

Se tal situação for real, muito provavelmente temos um “espelho” do Mito de Baal. Thomas Römer faz ainda o paralelo com o mito de Marduque. Que se ergue acima dos demais deuses. No caso de Baal, este deus se levanta contra Yam

por ele ser um deus opressor e estar no lugar de EL, inclusive toma a esposa de EL, Asherah, como sua. O lugar de EL é reivindicado por Baal, que ganha apoio dos demais deuses. O deus da tempestade vence Yam e resgata Asherah. Apesar de sucumbir diante de Mot e, por fim, sendo resgatado, para a alegria de EL.

No espelho apresentado, Javé não enfrenta Yam. Mas enfrenta todos os deuses. Não é somente Yam que assola os deuses e, como consequência, seus devotos. São todos os deuses que se tornam opressores. Todos os filhos de EL. Javé, como um filho de EL, assim como Baal, se ergue contra a opressão. Nesse caso, não contra a opressão de um deus, como fez Baal. Contudo, contra a ação opressora de todos os deuses, filhos de EL. Também Asherah é apresentada como consorte de Javé em desenhos e inscrições antigas. Teria Javé tomado Asherah para si, como Yam fez? Ou salvo Asherah, como Baal fez?

EL é o deus principal e Asherah é sua consorte. Não é uma grande coisa, portanto, perguntar-se se há alguma evidência de que, como Yahweh subjugou EL, assumindo seu poder e funções, ele também tomou para si a consorte de EL, Asherah (PENCHANSKY, 2005, p. 78 – tradução nossa).

A novidade aparente é que Javé se ergue. Ele não é quem preside (a assembleia é de EL!). Seu papel é se erguer, no meio da reunião, e proclamar um desafio de guerra contra os deuses filhos de EL. Javé não tem apoio, como Baal teve. Javé desafia a todos. Está só e, como um deus guerreiro, vence os deuses, o que está implícito no último versículo. Demonstrando que Javé, agora, é senhor de todo o mundo. Tomando para si as nações que pertenciam aos demais filhos de EL.

3.6. Do céu para a Terra

Consideramos que a fuga para as montanhas e a união de diferentes tribos, apresentadas por Milton Schwantes, foi uma saída libertadora, pois todos vinham de seu êxodo particular (SCHWANTES, 2008). Partindo desse pressuposto, por que Javé denuncia uma opressão presente na montanha? Não foram, justamente, essas tribos que fugiram da opressão e se uniram em torno de um projeto igualitário?

Hannah Arendt, em seu livro *Sobre a violência*, capta bem a situação comum a muitos que sofrem opressão:

Quem já duvidou de que aqueles que sofreram violência sonham com a violência; de que os oprimidos sonham pelo menos uma vez por dia em colocar-se a si mesmos no lugar dos opressores; de que o pobre sonha com as posses dos ricos; de que os perseguidos sonham com troca “do papel de presa pelo de caçador”; e de que os últimos anseiam pelo reino em que “os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”? (ARENDR, 2016, p. 37).

Ao que parece, foi exatamente isso que ocorreu nas montanhas. Com o passar do tempo as realidades dos povos vizinhos se tornam mais atraentes – simbolicamente registrado nas declarações de “teremos um rei e seremos, nós também, como as outras nações” (2Sm 8,19) – e o modelo tribal, embora nunca tenha fugido da memória e do desejo de grande parcela do povo, ficou de lado.

A sociedade pré-monarquia começou a demonstrar que não conseguiu conter as desigualdades sociais. O início do declínio do projeto igualitário, conforme Milton Schwantes, é o excedente:

Na medida em que este excedente aumenta, a família ajuda outros em necessidade. Usa-os nas festas, não constituindo as sombras de um problema. Isso ocorre quando elas permanecem na produção. Tornam-se determinantes. Isso ocorreu com a introdução sempre mais forte do gado na produção, o que aumenta o problema: acumula o excedente. O gado representa o aparecimento do excedente de muitos anos. (...) Praticamente provoca algum tipo de comércio. (...) Precisa também ser defendido. (...) O gado necessita de armas de defesa, de exército. A monarquia virá “sobre o gado”, como se vê em 1Sm 11, com Saul (SCHWANTES, 2008, p. 19).

A fundação de um Estado, que em determinados momentos foi ensaiada, como demonstra o livro de Juízes, acaba enfraquecendo o pobre e dando mais espaço e proteção aos ricos. Encontramos endividados, os que seguem Davi, homens com grandes terras, como Nabal, e acabamos testemunhando a criação de um estado que reproduz as dores que levaram seus antepassados à fuga e se organizarem por um ideal igualitário. Fato que chega a seu auge com Salomão.

Sendo assim, o salmo, que é localizado por volta desse período, acaba por ser testemunha de um momento em que poetas e profetas anônimos protestam contra o rumo adotado pelo povo. A lógica da religião de Baal e seus irmãos voltam a oprimir o povo e, assim, surge Javé. O Deus guerreiro que não aceita a opressão legitimada nos demais deuses. Mas sua preocupação se estende para além de Israel. Há no salmo uma crença na qual todos os deuses de todos os povos são filhos de EL. Javé liquida a todos e assume o poder sobre todas as nações:

A suposição no Salmo 82 é que os outros deuses tinham sido de todas as nações, mas agora, em seu chamado profético final, Elohim, o deus de Israel, assume autoridade divina sobre todas as nações (SMITH, 2008, p. 139 – tradução nossa).

Com a morte dos outros deuses, seus cultos se tornam inúteis e desnecessários. Não há o que temer deles. Eles não representam mais uma ameaça. David Penchansky sugere que esse texto revela uma crença politeísta que procura justificar um monoteísmo, ou uma monolatria. A segunda opção parece ser a mais coerente com o momento em que Israel vive. Como bem diz Thomas Römer, o monoteísmo é fruto de uma experiência exílica/pós-exílica (RÖMER, 2016).

O que temos nesse salmo é um mito que ensina sobre a monolatria e a supremacia de Javé sobre os outros deuses. A morte dos deuses não é necessariamente definitiva. Baal, por exemplo, como já dito, morre e ressuscita, de acordo com as estações do ano:

O Salmo 82 permite a possibilidade de que haja outros deuses em cena com Yahweh. Yahweh, agora, condena esses outros deuses à morte. Porém, como esses deuses existiram antes, eles podem voltar a existir novamente (PENCHANSKY, 2005, p. 40 – tradução nossa).

Saindo um pouco do mito e percebendo o caminho didático do autor do salmo, perceberemos uma luta, uma disputa com outras confissões religiosas. Contudo, sua luta não é contra outros deuses por conta de um zelo monoteísta ou monolátrico. Não é a ortodoxia que está em jogo, ou que está no centro de seu objetivo. Sua luta se dá pela prática da religião dos outros deuses que, segundo o salmista, sustenta a causa dos ímpios e oprime o pobre.

A monolatria ou o ensaio monoteísta pré-monarquia nasce, assim, de uma luta prática. De um novo êxodo. Não de uma saída para uma nova terra. Mas do êxodo de uma crença ou prática religiosa que justificava as práticas e as consequências da desigualdade social. Práticas e consequências que deixavam o rico cada vez mais abastado enquanto que o pobre perdia o pouco que tinha.

O Salmo 82, visto dessa forma, se apresenta como um protesto contra a prática religiosa que não exerce justiça para os mais necessitados. E, nisso, não há negociação. Assim como Javé mata os deuses opressores, o radicalismo monolátrico exige o abandono desses deuses e suas religiões. O caminho da libertação passa pelo assassinato dos deuses, dos sistemas e de toda a forma que justifica e legitima a desigualdade. O salmista não é alguém que foi se esconder atrás do mito, como sinal de falso consolo. É alguém que já denuncia: não sirvam a esses deuses que obrigam os mais fracos e beneficiam os mais fortes. Javé os matou. Eles já não existem.

EL, o deus bondoso, não consegue parar ou segurar a opressão realizada por seus filhos. Baal, o deus que luta contra a tirania, se torna um deus capaz de justificar a exploração e a tirania que, um dia, combateu. A morte de deuses que simbolizavam alguma defesa do empobrecido e daqueles que estão marginalizados pelo sistema religioso, mas que se tornaram justificadores dos que exploravam o mais fraco, se torna a fonte do surgimento de Javé como o Deus necessário e que está pronto a lutar pelos seus.

A luta contra a doutrina que justificava a exploração não é vencida com uma nova teologia das religiões cananeias. É vencida com a eliminação desses cultos. Esses deuses são mortos, eliminados. E a religião libertadora, a doutrina da libertação, é apresentada com o levantamento de Javé e sua tomada do poder.

É óbvio que esse salmo não resume a formação da monolatria e sua evolução até o monoteísmo judaico. Contudo, o mito narrado demonstra a visão segundo a qual Javé reúne a capacidade e as habilidades de todos os deuses. De forma que os substitui. Os deuses já não governam sobre as demais nações. Ele é o único Deus a realizar a tarefa de todos. A herança de Javé ultrapassa, assim, os limites de Israel. Herança essa, anteriormente, dada por Elyon:

Quando o Altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus; mas a parte de Iahweh foi o seu povo, o lote da sua herança foi Jacó (Dt 32,8-9)³.

Um outro ponto onde o autor possui dependência desse texto pode ser encontrado no texto de Dt 4,19:

Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua, as estrelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir para adorá-los e servi-los! São coisas que Iahweh teu Deus repartiu entre todos os povos que vivem sob o céu.

Datado do período pós-exílico e dependente de Dt 32,8, esse texto substitui EL por Javé. Ao mesmo tempo que rebaixa os outros deuses a uma condição inferior. Não são vistos como deuses, mas como astros. Não são “filhos de EL”. São sol, lua e estrelas.

Voltando para o nosso texto, podemos observar como a linguagem religiosa pode ser utilizada como opressora do pobre e do necessitado à medida que se alia às elites exploradoras e justifica sua superioridade de classe ou casta. A lógica da religião, mesmo que nascida de um confronto ou de uma fuga para a liberdade, não deixa de estar livre da tentação de ser utilizada para os fins que geraram a fuga dos oprimidos. E, então, os oprimidos passam para a situação de opressores e colocam seus irmãos na mesma situação de opressão da qual, como povo, juntos, fugiram. Em uma expressão bem bíblica, os faz “tornar ao Egito” (Dt 17,16).

Ao mesmo tempo, no meio da opressão, surge uma nova doutrina. Uma exigência ética que os sábios e poetas ousam destituir as religiões opressoras. Não

3. Mark S. Smith comenta sobre a tradução desse texto. A leitura de “filhos de Israel” no v. 8 é encontrada no texto hebraico tradicional da tradição judaica chamado Texto Massorético (abreviado TM), mas a leitura “filhos de Deus”, *bny 'Iwhym*, aparece em um manuscrito do Mar Morto do Deuteronômio da Quarta Caverna (chamado 4Qdeuteronômio). Temos uma leitura similar “filhos de Deus(s)”, *bny 'l*, atestada em outro manuscrito do Deuteronômio da Caverna Quatro (4Qdeuteronômio). Adicionalmente, “filhos de Deus” aparece na Septuaginta como *huion theou* (com variantes com “anjos”, *angelon*, algumas vezes acrescentadas), que reflete a mesma leitura dos manuscritos do Deuteronômio 32,8 dos Manuscritos do Mar Morto. Tal tradição, demonstra a crença de que Israel havia sido dado como herança a Javé. Matando os deuses, filhos de EL, ele passa a tomar posse da herança dos demais deuses.

se pensa em reforma, como foi realizado da primeira vez. Pensa-se em suplantar. Trata-se de uma batalha religiosa, porém não como debate de ideias ou de superioridade de uma religião sobre a outra. Trata-se de uma luta prática. De um povo que encontra, no guerreiro Javé, a força necessária para se libertar do jugo dos demais deuses. A morte desses deuses é, assim, não uma forma de implantar a monolatria como um dogma forçadamente seguido. A aniquilação dos deuses é o caminho encontrado para que Javé, que tem em seu culto um protesto contra essas práticas exploradoras, guerreie, mais uma vez, em prol dos seus. E o povo, livre das religiões que exploram, possam retornar ao projeto de igualdade inicial, em torno da fé em Javé. O único Deus a quem devem recorrer e o único que, no mito, se levanta em defesa deles.

4. Conclusão

Depois que Buda morreu, por muitos séculos as pessoas ainda mostravam sua sombra em uma caverna – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto: mas do jeito que são as pessoas, talvez ainda mostrem sua sombra em cavernas, durante milênios. – E nós – nós teremos de derrotar sua sombra (NIETZSCHE, 2016, p. 193).

Também com essas palavras – há outras – Nietzsche anunciou a morte de Deus. Denuncia que a crença em Deus, em sua época, se tratava da crença em um Deus morto. Uma crença tão inútil quanto as crenças em Baal, Yam ou Mot, depois que Javé se ergue e matou a todos. Mesmo estando mortos, havia quem mostrasse as sombras deles, projetadas em cavernas.

Quando Nietzsche falou isso, que se tornou como popularmente ele seria conhecido, causou certo alvoroço e, ainda hoje, o causa, nos ouvidos mais devotos. Mas o que ocorre com uma religião que cultua um deus morto? Seus súditos ficam desamparados e os sacerdotes, que funcionariam como pontes entre os deuses e os homens, mentem. Anunciam um deus que não se comunica com eles, como se comunicasse. Falam de uma vontade divina e ensinam essa vontade divina. Escondendo que, na realidade, não se trata de vontade ou querer do deus. Pois esse deus está morto. Trata-se da vontade desses mesmos ditos representantes que buscam, de alguma forma, manipular e fazer com que os devotos sejam, na verdade, seus seguidores. E não seguidores do deus. São sacerdotes que “apontam a sombra do deus”, como se fosse o próprio deus. Moltmann, analisando outro momento em que Nietzsche fala da morte de Deus, diz:

A morte de Deus é a exaltação do ser humano acima de si mesmo. A história, que o próprio ser humano toma em suas mãos, se levanta sobre o cadáver de Deus. A cruz se torna o símbolo da vitória do homem sobre Deus e sobre si mesmo (MOLTMANN, 2005, p. 218).

Mas agora que esse deus está morto, o que fazer? Tomando o símbolo da cruz, erguido por Moltmann, deve-se aguardar a ressurreição desse Deus e a revelação de quem ele é. O cristianismo primitivo nasceu da fé na ressurreição de Cristo. A ressurreição do perseguido, preso, torturado e morto. Sua ressurreição se tornou símbolo de um novo êxodo. Que libertava do sistema opressor romano. Revelando a vontade de Deus como uma comunidade fraterna de todos os seres humanos e de toda a criação.

Com o passar do tempo, o que houve na montanha, houve na vida do cristianismo. De perseguido, passou a perseguidor. De oprimido, para opressor. Foi necessário que o deus erguido, nesses momentos de cristianismo opressor, fosse morto e ressurgisse o Deus de Francisco de Assis. O Deus amoroso e misericordioso.

Atualmente, o cristianismo se tornou religião de uma maioria que exige hegemonia. Vivemos um momento em que o conservadorismo religioso procura falar em nome de Deus. E acaba por demonizar ou perseguir religiões que considera demoníacas. Ao mesmo tempo em que eleva uma moral que deve ser seguida. Condenando a vida e a prática de vida de inúmeras pessoas que não se adequam à moral cristã pregada.

Vimos que Javé, de Deus estrangeiro, passou a fazer parte do concílio de EL. Se como estrangeiro ou como filho, há posições diferentes. O que importa é que Javé conviveu com outros deuses. Os devotos de Javé dividiam o mesmo espaço, a mesma necessidade de libertação e o mesmo sonho de igualdade. Ao ponto das religiões serem influenciadas umas pelas outras. Javé, no Salmo 82, levantou-se contra os outros deuses não por suas existências, ou por rigor doutrinário, moral, ou hegemonia. O que o levou a confrontar aos outros deuses foi o fato de eles oprimirem o mais pobre.

O poeta, servo de Javé, se levanta contra a religião que o vê como filho de EL por conta dessa religião oprimir seus irmãos. E não pelo fato de ela existir. A diversidade não é condenada. A prática opressora e que busca ser a única, sim. Nesse sentido, o cristianismo que busca dominar, que busca colonizar as mentes, se torna o cristianismo de um cristo morto. Eliminado pelo próprio Javé, em defesa daqueles que são enganados, explorados, empobrecidos e oprimidos.

Seguindo a ideia do salmista, esse deus já está morto. Surge a necessidade de um novo Deus. Um novo Javé, ou, por assim dizer, um novo Cristo, ressuscitado e revelado para protestar contra essas sombras que alegam ser dele. Rubem Alves já conhecia bem essa possibilidade da religião libertadora se apresentar como religião que aprisiona. Ele dizia com precisão:

É provável que os profetas tenham sido os primeiros a compreender a ambivalência da religião: ela se presta a objetivos opostos, tudo dependendo daqueles que manipulam os símbolos sagrados.

Ela pode ser usada para iluminar ou para cegar, para fazer voar ou paralisar, para dar coragem ou atemorizar, para libertar ou escravizar (ALVES, 1999, p. 103).

É hora de matar o “deus da cabeça das pessoas” e encontrar o Deus que luta ao lado e pelos oprimidos. Que é o Deus das minorias. Enquanto isso não acontecer, enquanto ainda dermos voz a esses que ousam falar em nome de um deus mau, exigente, sem amor e que traz um jugo pesado, as pessoas seguirão a um deus morto e inútil. Um ídolo pronto para ser suplantado pela revelação de Jesus Cristo como libertador deste ídolo erguido em seu nome. E enquanto isso não acontecer, as palavras de Nietzsche (2016, p. 215) precisarão ser ditas e em tom de denúncia e lamento:

“O que são essas igrejas, afinal, se não a cripta e a sepultura de Deus?”

Referências

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. 1. ed. 2002. São Paulo: Paulus, 11ª reimpressão, 2016.
- DAHOOD, Mitchel. “The Anchor Yale Bible: Psalms II 51-100”. Connecticut: Yale University Press, 1995.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: Estudos sobre os fundamentos das consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.
- NIETZSCHE, Friederich. *A gaia ciência*. São Paulo: Martins Claret, 2016.
- PENCHANSKY, David. “Twilight of the Gods: polytheism in the Hebrew Bible”. Kentucky: Westminster John Knox Press, 2005.
- RÖMER, Thomas. *A origem de Javé*. São Paulo: Paulus, 2016.
- SANDERS, Ed Parish. *Paulo: a lei e o povo judeu*. São Paulo: Paulus/Academia Cristã, 2009.
- SCHMIDT, Werner R. *A fé do Antigo Testamento*, São Leopoldo: Sinodal: 2004.
- SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Paulo: Oikos, 2008.
- SMITH, Mark S. “God in Translation: Deities in Cross-Cultural Discourse in the Biblical Word”. Michigan: Wm.: B. Eerdmans Publishing Co., 2010.

_____. *O memorial de Deus*. São Paulo: Paulus, 2006.

TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus semitas*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

WURTHWEIN, Ernst. "Wort und Existenz, studien zum Alten Testament". Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1970.

Ricardo Lengruher Lobosco
Alameda Eduardo Guinle, 265, Centro
28625-130 Nova Friburgo, RJ
E-mail: ricardo@lengruher.com

Silvio Cezar José Pereira Gomes
Estrada Adhemar Bebiano, 275
Bloco Corcovado, Apartamento 601
CEP 21051-071
Del Castilho – Rio de Janeiro/RJ
E-mail: silviorazec@gmail.com